



“O HOMEM COLETIVO SENTE A NECESSIDADE DE LUTAR”: A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO MARXISTA NO DISCO “DA LAMA AO CAOS”

ARTHUR SANTANA

RESUMO

Este artigo busca analisar as letras do disco “Da Lama aos Caos”, produzido pela banda Chico Science & Nação Zumbi, produzido durante o movimento conhecido Manguebeat, que ocorreu em Pernambuco tendo seu início em 1991, juntamente com o período histórico vivido na cidade do Recife e interligando com o pensamento Marxista. Partindo de uma investigação acerca da produção musical do grupo e o pensamento do filósofo alemão, como os conceitos de “luta de classes”, “materialismo histórico” e “consciência de classe”. Com isso, o presente trabalho visa interligar o pensamento Marxista à essa clássica produção musical, tão importante para a cultura brasileira e pernambucana.

Palavras-chave: Marxismo, Manguebeat, Da Lama ao Caos, Chico Science.

Abstract

This article seeks to analyze the lyrics of the album “Da Lama Aos Caos”, produced by the band Chico Science & Nação Zumbi, produced during the well-known movement Manguebeat, which took place in Pernambuco starting in 1991, together with the historical period lived in the city of Recife and interconnecting with Marxist thought. Starting from an investigation about the musical production of the group and the thought of the German philosopher, such as the concepts of “class struggle”, “historical materialism” and “class consciousness”. With this, the present work aims to interconnect Marxist thought to this classic musical production, so important for Brazilian and Pernambuco culture.

Keywords: Marxism, Manguebeat, Da Lama ao Caos, Chico Science.

O Marxismo e alguns conceitos

Marxismo em sua essência seria, uma corrente filosófica, um método de análise social e econômico pensando primeiramente por dois filósofos alemães: Karl Marx e Friedrich Engels na segunda metade do século XIX, auge da Revolução industrial e do crescimento do pensamento capitalista, influenciado pela tecnociência e o acúmulo de capital por parte da burguesia.



O pensamento marxista baseia-se na ideia de que a história da humanidade é movida pelo conflito entre as classes sociais e já as relações sociais entre os homens no capitalismo, são reguladas pelo valor de troca antes do que pelo valor de uso das mercadorias e serviços que eles produzem. A satisfação das necessidades humanas apresenta-se como resultado secundário da produção e do lucro mediado pelo sistema de trocas. É o capital e os bens, não o homem e a vida, que encontram-se no centro da atividade econômica no sistema capitalista.

Entre os conceitos marxistas pode-se enfatizar: o materialismo histórico dialético, a luta de classes, o modo de produção, o consumo e a mais-valia/mais valor.

No pensamento marxista o materialismo histórico dialético, faz uso da dialética Hegeliana para entender as mudanças ocorridas na história da sociedade e nas suas estruturas. Marx busca, em diversas oportunidades, distinguir o método dialético de Hegel do seu próprio método dialético. Uma destas oportunidades surge por meio do posfácio da segunda edição de O Capital para o alemão (Marx, 1988, p. 21-27). Para Hegel, segundo Marx, a Ideia (razão absoluta) se transformaria no sujeito, ou seja, todo o real seria apenas uma materialização externa da ideia. Para Marx a ideia não seria precedente do real, a mesma seria o próprio real transposto e traduzido na mente do indivíduo. Marx excluía o sublime do existente, do real, contrapondo a dialética mistificada de Hegel a dialética calcada no real.

(...) o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. No primeiro método, a representação plena volatiliza-se em determinações abstratas, no segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento. Por isso é que Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento que se sintetiza em si, se aprofunda em si, e se move por si mesmo; enquanto que o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado. Mas este não é de modo nenhum o processo da gênese do próprio concreto. (Marx, 1982, p. 14)

A luta de classes para o marxismo seria o motor da história, sendo marcada por lutas entre diferentes classes sociais (uma dominante e uma dominada). A classe dominante seria a detentora dos meios de produção e lutará sempre para a manutenção da exploração da classes trabalhadora, que não possui poder sobre os meios de produção mas está sempre em busca da abolição da escravidão. É possível perceber a luta entre diferentes classes em períodos históricos distintos, por exemplo: Proletários x Capitalistas, Escravos x



Escravocratas, Colonizados x Colonizadores, Mulheres x Patriarcado.

Marx conceitua o modo de produção como articulação capaz de se reproduzir entre as forças produtivas e as relações de produção, constituindo a base ou a infraestrutura da formação socioeconômica. Sendo assim, esses modos de produção presentes de diferentes formas em diferentes períodos históricos são mutáveis, contrariando a visão burguesa de naturalização das relações sociais na sociedade capitalista.

O consumo no marxismo, estaria atrelado à produção fazendo uma relação dialética entre si. Sendo finitos os produtos de consumo, possibilitam a produção e a mesma já se entende com um ato de consumo, tanto objetivo (das matérias primas), quanto subjetivo (da força de trabalho). Logo entende-se consumo como a realização do valor das mercadorias produzidas.

Mais-valia/Mais-valor, está relacionada à disparidade entre o salário pago ao proletariado e o valor do produto produzido pelo trabalhador, ou seja, o trabalho não pago, as horas trabalhadas cumprem o valor e o excedente não pago ao trabalhador. Citando o próprio Marx a produção de mais valia absoluta gira exclusivamente em torno da duração da jornada de trabalho; a produção da mais valia relativa revoluciona totalmente os processos técnicos de trabalho e as combinações sociais. (MARX, 2013, p. 586).

O movimento e o Disco

A segunda metade do século XX apresenta o Brasil como um verdadeiro laboratório de ritmos e melodias, em São Paulo egressos da bossa nova carioca agitaram uma nova cena que daria origem ao MPB, no Rio de Janeiro a influência do funk norte-americano de James Brown daria origem a um ritmo completamente novo e Pernambuco testemunhou o encontro do rock e do hip-hop com o maracatu e outros ritmos da cultura popular pernambucana e esse encontro ficou conhecido como Movimento Manguebeat.

Conhecida hoje como “Veneza brasileira”, “Capital do Nordeste”, “Cidade das Pontes”, a Recife do início da década de 1990 sofria os impactos da crise econômica de 1980, possuindo o maior índice de desemprego do país, provocando uma queda agressiva da produção industrial, com a alta inflação e a volatilidade dos mercados, estabelecimentos comerciais mal se mantinham de pé. No início dos anos 90, o Population Crisis Committee (PCC)²¹ classificou Recife como a quarta pior cidade do mundo para se viver, ou seja, uma cidade que passava por imensa dificuldade financeiras, políticas não era capaz de

21 O Population Crisis Committee (PCC), é um comitê norte-americano sem fins lucrativos que trabalha pela conscientização social em relação ao crescimento populacional em países subdesenvolvidos.



promover segurança, estrutura de lazer e muito menos um circuito ativo de vida noturna. Por possuir uma predominância da música regional, Recife se isolava dos circuitos de pólos da música nacional, sem a existência de internet era necessário que pessoas fossem ou viessem dos antenados sul e sudeste, portando novidades.

Além da situação econômica e cultural vivida na cidade e no estado de Pernambuco, outra situação se apresentaria como empecilho para a criação do movimento. Nos meios universitários falava-se muito do Movimento Armorial²², encabeçado pelo letrista paraibano Ariano Suassuna, que lecionava algumas matérias na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Portanto, quem mencionasse o rock ou guitarras seria considerado um herege.

Uma cena *underground* começava a tomar forma no Recife, quando bandas como Realidade Encoberta, Devotos do Ódio, The Ax, Loustal e Mundo Livre S.A, se reuniam em festas organizadas pelos próprios integrantes da banda ou simplesmente se reuniam para tomar cerveja e conversar sobre experiências musicais na escadaria do antigo Cine Veneza, que ficava localizado no Beco da Fome, centro do Recife. Talvez a virada de chave para o nascimento do movimento manguebeat, acontece quando Gilmar Correia (Gilmar Bola Oito), que trabalhou com Chico Science na Empresa Municipal de Informática (Emprel), convida o mesmo para conhecer o Lamento Negro, que tratava-se de um projeto de resgate da cultura a africana que surgira no Daruê Malungo²³.

No dia em que Chico Science foi visitar um ensaio do Lamento Negro juntamente com seu amigo Lúcio Maia (Guitarrista), percebeu que juntando as guitarras do Loustal com os tambores do Maracatu, surgiria um novo som, denominado por Chico como “mangue” e seria uma mistura de rock, hip-hop e maracatu. O nome do ritmo é inspirado no ecossistema tão presente na cidade do Recife como símbolo de um estilo de vida mais alternativo. Entretanto o movimento não se resumia apenas à música, mas tinha presença das artes plásticas, escultura, design, semiótica, moda, entre outras formas de expressão. Com o objetivo de divulgar o som do Mangue, criou-se a Cooperativa Cultural Mangue, que organizava diversas festas na cidade.

Em junho de 1992, um manifesto intitulado “Caranguejos com Cérebro”, escrito por Fred Zero Quatro e Chico Science estampavam os jornais da cidade. O manifesto criava a alegoria do manguezal, como um ecossistema fértil e a cidade do Recife com suas bandas mais diversas; numa cidade-mangue não há espaço para o pensamento único da indústria cultural e não se obedece à lógica da cópia e da clonagem das fórmulas de sucesso. E o principal símbolo do movimento era uma antena parabólica enfiada na lama. Tamanha

22 Iniciativa artística com o objetivo de criar uma arte erudita a partir de elementos da cultura popular do Nordeste brasileiro.

23 Centro cultural e artístico de educação que atende à população carente do bairro de Peixinhos.



divulgação fez com que o manifesto chegasse às mãos de alguns produtores da MTV²⁴ que vieram até Recife para gravar uma entrevista com os “mangueboys” sobre essa tal cena mangue.

Três meses depois da exibição da reportagem da MTV, em 25 de abril de 1993 acontecia a primeira edição do Abril Pro Rock, um festival pernambucano com estilos mais ecléticos. O festival contou com a cobertura da Folha de S.Paulo e da Revista Bizz. Logo depois dos shows das principais bandas Mundo Livre S.A e Chico Science & Nação Zumbi fechavam dois shows no Sudeste do Brasil. O movimento manguebeat ganhará visibilidade nacional.

O disco que esse trabalho busca avaliar é o “Da lama ao Caos” da banda Chico Science & Nação Zumbi, lançado em 1994. O álbum possui 13 faixas que mesclam rock com maracatu, embolada, psicodelia e música afro, mostrando toda influência do manguebeat presente na sua principal obra e principal banda. A capa do álbum foi desenvolvida pelo cineasta Hilton Lacerda e apresenta um caranguejo (símbolo do movimento manguebeat) colorido num fundo preto, com o nome da banda e do disco acima. Atualmente o álbum é um clássico da música brasileira e está na lista dos 100 melhores discos da música brasileira nomeado pela revista Rolling Stone, ocupando a 13ª posição.

Marx, um caranguejo com cérebro

Diante dos conceitos explicados anteriormente chega-se ao objetivo principal deste trabalho, fazer uma análise das letras das músicas do disco “Da lama ao caos”, da banda Chico Science & Nação Zumbi e apontar influências marxistas em sua composição. Sabendo-se do contexto histórico e político que a cidade do Recife vivia no momento da produção do disco e do movimento que ele está inserido.

A primeira faixa do disco, intitulada “Monólogo ao pé do ouvido” que na verdade é uma introdução da faixa seguinte, é uma espécie de solenidade, um monólogo feito por Chico Science, que introduzia os shows, o disco e traz os seguintes versos:

“O medo dá origem ao mal

O homem coletivo sente a necessidade de lutar”

“O medo dá origem ao mal”, faz supor que se acovardar enfraquece o homem e o mal no caso pode ser considerado o sistema capitalista, responsável pela estagnação de que sofria a cidade do Recife no final do século XX. Já “O homem coletivo sente a necessidade de lutar”, claramente refere-se à luta de classes, de forma coletiva e da mesma maneira

²⁴ É um canal de televisão norte-americano básico por cabo e satélite, de propriedade da Paramount Media Networks da Paramount Global. O canal possui a sua sede na cidade de Nova Iorque.



que nos primórdio do Manguebeat o grupo se estabelecia como uma cooperativa, atuando de maneira coletiva e organizada. Segue com a letra:

“Viva Zapata!

Viva Sandino!

Viva Zumbi!

Antônio Conselheiro!

Todos os Panteras Negras

Lampião, sua imagem e semelhança

Eu tenho certeza, eles também cantaram um dia”

Faz-se agora uma saudação aos líderes do passado, que representavam classes dominadas, subalternizadas, marginalizadas e com ideias socialistas marxistas que representam a luta contra opressores de diversas origens: Emiliano Zapata²⁵; Augusto César Sandino²⁶, Zumbi dos Palmares²⁷, Antônio Conelheiro²⁸, O Partido dos Panteras Negras²⁹ e Lampião³⁰. “Eles também cantaram um dia” sugere que no combate ao mal, é buscando armas do passado que se muda o presente.

Em “Banditismo por uma questão de classe” (iniciada na sequência do monólogo ao pé do ouvido), faixa número dois, pode-se analisar o próprio nome da canção, que já remete tanto ao conceito de “Banditismo Social”³¹ e ao pensamento marxista de “Classe Social” que é exposto no refrão:

“Banditismo por uma questão de classe!

Banditismo por uma questão de classe!

Banditismo por uma questão de classe!

Banditismo por uma questão de classe!”

25 Foi um importante líder na chamada Revolução Mexicana de 1910 contra a ditadura de Porfirio Díaz, sendo considerado um dos heróis nacionais mexicanos.

26 Foi um revolucionário nicaraguense líder da rebelião contra a presença militar dos Estados Unidos na Nicarágua entre 1927 e 1933.

27 Foi um líder quilombola brasileiro, o último dos líderes do Quilombo dos Palmares, o maior dos quilombos do período colonial.

28 Foi um líder religioso e fundador do arraial do Belo Monte, mais conhecido como Canudos.

29 Originalmente denominado Partido Pantera Negra para Auto-defesa foi uma organização urbana socialista revolucionária fundada por Bobby Seale e Huey Newton em outubro de 1966.

30 Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, o Rei do Cangaço, foi um cangaceiro brasileiro que atuou na região do sertão nordestino do Brasil.

31 Segundo o historiador Eric Hobsbawm, “o banditismo é uma forma bastante primitiva de protesto social organizado”



Na quarta faixa do álbum, “A cidade” é retratado por Chico Science & Nação Zumbi retratam a cidade do Recife com todos os seus problemas sociais e econômicos sem devaneios idílicos. A faixa inicia com a música incidental “Boa noite do Velho Faceta”, personagem famoso do pastoril profano, manifestação folclórica adaptada do pastoril religioso trazido pelos europeus, e segue com:

*“O sol nasce e ilumina as pedras evoluídas
Que cresceram com a força de pedreiros suicidas.”*

“As pedras evoluídas”, seria a forma como é enxergado os arranha-céus, os prédio de concreto da grande metrópole, que são construídos por “Pedreiros suicidas” chamando atenção para a questão trabalhista, à exploração dos trabalhadores que realizam empregos de grande risco e não são valorizados, como também não possuem salários adequados à produção, adentrando no conceito de mais valor. Já o refrão nos traz:

*“A cidade não para, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce
A cidade não para, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce.”*

Que expõe tanto o crescimento vertical da cidade com todos os seus prédios e edifícios, quanto o crescimento da disparidade social. E ainda remonta o descompasso do capitalismo em:

*“No meio da esperteza internacional
A cidade até que não está tão mal
E a situação sempre mais ou menos
Sempre uns com mais e outros com menos.”*

Na sétima faixa do álbum, “Da lama ao caos” que dá nome álbum, representando à lama como um símbolo de diversidade e imprevisibilidade, onde Chico Science conecta Josué de Castro à Teoria do caos. E começa a música com:

*“Posso sair daqui pra me organizar
Posso sair daqui pra desorganizar
Posso sair daqui pra me organizar
Posso sair daqui pra desorganizar”*



Pode-se ligar a organização com a última frase do Manifesto do Partido Comunista, que diz “Proletários de todos os países, uni-vos!” (ENGELS, MARX 1848), buscando assim que a classe trabalhadora se organize para desorganizar o sistema capitalista vigente.

O álbum possui outras faixas com referências filosóficas, históricas e sociológicas que também merecem um estudo sistematizado, mas que não foram encontradas referências ao marxismo.

Conclusão

Conclui-se que o movimento manguebeat, que tem extrema importância na cultura pernambucana e brasileira, sofreu influência do pensamento Marxista. Pelo momento complicado em que a cidade do Recife viveu no final do século XX, um movimento tão importante que lutava por melhores condições culturais e sociais, na vivência com a cidade e militava até sobre assuntos políticos como a fome e a exploração do trabalhador. Vê-se a importância da ideologia marxista como um todo na busca por uma saída do sistema capitalista desigual, como também a confirmação da teoria de Marx e que a luta de classes continua acontecendo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Walmir. *Marxismo: história, política e método*. Moodle UFSC. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/934138/mod_resource/content/1/elementos%20b%20C%20A1sicos1.pdf. Acesso em 12/04/2023, v. 27, 2018.

CHABAL, . *Historians of the world unite! Eric Hobsbawm and the Communist Party Historians Group, 1946-1956*. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 10, n. 19, p. 71-82, 2019. DOI: 10.5007/1984-9222.2018v10n19p71. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/1984-9222.2018v10n19p71>. Acesso em: 12 abr. 2023.

DA COSTA, Jackson Barbosa; DE AMORIM SOUZA, Tainã. *O MOVIMENTO MANGUEBEAT COMO MEIO DE MOBILIZAÇÃO SOCIOPOLÍTICA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL*. *Jornada de Iniciação*



Científica e Extensão, v. 15,

n. 1, p. 53, 2020.

FONSECA, Nara Aragão. O Mangubeat como Política de Representação. **Universidade Federal de Pernambuco. Trabalho apresentado ao NP**, v. 1, 2005.

KONDER, Leandro. *Marx: Vida e Obra*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Marx, Karl. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MARX, K. **O Capital** - Livro I - crítica da economia política: O processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2012.

MINDURI, Loianne Quintela et al. *Nos passos do Mangu Beat: rastros e ecos de uma identidade cultural desde os diálogos com os estudos culturais britânicos*. 2016.

NETTO, P. José. *O que é Marxismo*. São Paulo: Brasiliense, 2017.